



ISSN: 1517-7238
Vol. II nº 20
1º Sem. 2010
p. 51-67

DOSSIÊ: LINGUA E CULTURA NA
AMÉRICA LATINA

**COMPREENSÃO DE
METÁFORAS
RELACIONADAS À
FIGURA DO CAVALO
NA CULTURA
GAÚCHA**

GIL, Maitê Moraes¹
SIQUEIRA, Maity²

¹ Aluna do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: maitegil11@gmail.com.

² Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: maitysiqueira@hotmail.com.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo geral descrever um estudo que investiga a compreensão de metáforas conceituais e de expressões linguísticas relacionadas à figura do cavalo na cultura gaúcha por crianças e adultos do interior e da capital do Rio Grande do Sul. A partir desse objetivo geral, surgem dois objetivos específicos: verificar a influência da variável "local de moradia" (interior *versus* capital) na compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha e investigar o papel desempenhado pela variável "idade" (crianças *versus* adultos) na compreensão das metáforas conceituais investigadas. Para tanto, foi elaborado um instrumento de compreensão dessas metáforas, sob a perspectiva da Teoria das Metáforas Conceituais (LAKOFF; JOHNSON, 1980). No que se refere à noção de cultura, foram adotadas para a presente pesquisa as ideias defendidas por Geertz (1989) e Strauss e Quinn (1997). As análises dos dados obtidos mostraram que tanto a "idade" quanto o "local de moradia" dos participantes tiveram uma influência significativa na compreensão das metáforas estudadas. Os resultados obtidos se alinham à proposta de Kövecses (2005) sobre variação em metáfora. Como aponta o autor, as dimensões regional e desenvolvimental apresentam diferenças na compreensão de metáforas envolvendo aspectos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensão de metáforas, Linguagem, Cultura.

ABSTRACT: This paper aims to describe a research about the understanding of conceptual metaphors and linguistic instantiations related to the southern Brazilian culture – particularly to horses - by children and adults living, respectively, in the countryside and capital city of Rio Grande do Sul. Deriving from this first objective, our specific goals are: to verify the influence that the variable "place of residence" (countryside *versus* capital city) can have over the understanding of metaphors related to the southern Brazilian culture and to assess the role that the variable "age" (children *versus* adults) plays in the understanding of the conceptual metaphors studied. In order to do that, we developed a test aimed at metaphor understanding based on the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980); regarding the concept of culture, this research refers to notions suggested by Geertz (1989) and Strauss & Quinn (1997). The data analysis shows that participants' "age" and "place of residence" have an important influence over their understanding of the metaphors studied. The results obtained are in accordance with Kövecses's propositions (2005) related to metaphor variation. As pointed out by the author, developmental and regional dimensions involve differences in the understanding of cultural metaphors.

KEYWORDS: Metaphor understanding, Language, Culture.

I INTRODUÇÃO

Muitos debates giram em torno dos conceitos de

“metáfora” e “cultura”. Ao longo das últimas décadas, eles foram definidos e redefinidos muitas vezes e, hoje, são estudados sob diferentes perspectivas teóricas. Para alguns, a metáfora é apenas uma figura de linguagem (GRICE, 1987; ARISTÓTELES; ORÁCIO; LONGINO, 1990), enquanto, para outros, ela desempenha um importante papel em nosso sistema conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; GIBBS, 1994; KÖVECSSES, 2005). Já a cultura é considerada tanto um padrão de comportamento transmitido coletivamente e típico de uma determinada sociedade, quanto um conjunto de signos que podem ser interpretados. Este artigo não espera esgotar esses conceitos, mas propor uma interface entre eles e delimitá-los dentro de teorias específicas, explorando seus pontos de convergência.

A partir dessas relações, tem-se como objetivo geral investigar a compreensão de metáforas conceituais e de expressões linguísticas relacionadas à figura do cavalo na cultura gaúcha, por crianças e adultos do interior e da capital do Rio Grande do Sul (RS). O RS é um estado de fronteira, por isso apresenta uma cultura híbrida e muito rica em diversos aspectos - entre eles, a linguagem -, o que favorece um estudo de interface entre linguagem e cultura. Para a realização desta investigação, é necessário delimitar como as noções de “metáfora” e de “cultura” serão adotadas na presente pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo é desenvolvido sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a qual vê a metáfora como uma questão cognitiva central, e não como um fenômeno linguístico periférico. Esses autores defendem que o sistema conceitual humano para conceitos abstratos é essencialmente metafórico, ou seja, os conceitos daquilo que rodeia o indivíduo são formulados através de relações metafóricas. Nessa visão, a metáfora é o mapeamento entre dois domínios conceituais, ou melhor, é a compreensão de um conceito em termos de outro. Esses dois conceitos são

diferentes, o conceito alvo (mais abstrato) é parcialmente estruturado em termos do outro, conceito fonte (mais concreto). Por exemplo, a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM é a conceitualização de um domínio abstrato, AMOR, utilizando um conceito mais bem estruturado, como VIAGEM. A partir dessa relação, fala-se sobre o amor com expressões linguísticas a exemplo de *Estamos numa encruzilhada*, ou, ainda, *Nosso namoro está indo pra frente*. Dessa forma, um enunciado metafórico só é produzido e entendido porque as metáforas estão no sistema conceitual humano, o qual é evidenciado através da linguagem.

As metáforas conceituais podem ser classificadas em primárias ou complexas. São consideradas metáforas primárias aquelas que resultam de interações entre certas cenas e eventos básicos que ocorrem regular e diariamente em nossa experiência em diversos contextos. A característica fundamental das cenas primárias é a correlação entre dimensões distintas - físicas e psicológicas - da nossa experiência. Exemplo disso é a proximidade física e emocional que experienciamos desde o nascimento com as pessoas que nos cuidam. Como estamos constantemente próximos fisicamente das pessoas com as quais somos emocionalmente íntimos, inicialmente experienciamos essas duas ocorrências indiferenciadamente. Essas particularidades dos aparatos físico e cognitivo humanos com suas experiências subjetivas no mundo, por hipótese, independem de língua e cultura (GRADY, 1997), por se repetirem consistentemente na vida de qualquer pessoa, e motivam metáforas primárias como INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE.

As metáforas primárias, portanto, são baseadas e motivadas pela experiência corporal, pelo modo como o corpo humano funciona e interage com o mundo físico (YU, 1998), tendo, assim, um elevado potencial para a universalidade. Já as metáforas complexas são combinações de metáforas primárias determinadas por aspectos culturais, por isso tendem à variação tanto entre culturas quanto dentro de uma mesma cultura (KÖVECSES, 2005).

Ao fazer uma interface entre metáfora e cultura, Kövecses (2005) traz para o estudo da metáfora a relevância do contexto, que já tinha sido apontada por Gibbs (1999), o qual defende a ideia de que a metáfora e a sua relação com o pensamento devem ser vistas como redes cognitivas que se estendem do individual para o mundo cultural. O autor salienta, ainda, que os estudos psicolinguísticos deveriam reconhecer a cultura e o seu importante papel na modelagem da noção da influência corpórea (*embodiment*) e, conseqüentemente, do pensamento metafórico. O aumento do interesse pela variação metafórica e pela sua relação com a cultura tornou a interface entre linguística e antropologia indispensável. Precisa-se, então, recorrer às pesquisas de alguns antropólogos também interessados por essa interface, a fim de serem encontrados os subsídios necessários no que se refere às noções de cultura.

Geertz (1989), por exemplo, vê a cultura como um conjunto de signos. Essa visão de cultura é importante para um estudo de metáforas, pois se pode, dessa forma, reconhecer e analisar os signos culturais relacionados às metáforas conceituais estudadas. Além disso, uma teoria interpretativa da cultura, como a de Geertz, está à procura dos significados, logo, é compatível com o estudo aqui proposto. Outro princípio da teoria de Geertz é o de que a cultura é pública, ou seja, os símbolos e os significados são partilhados entre os membros do grupo, mas não dentro das pessoas individualmente. A cultura, para o autor, não está na mente das pessoas, mas na sua interação com o mundo.

Contudo, esse último princípio da teoria interpretativa de Geertz é contestado por Strauss e Quinn (1997). Essas autoras também colocam o significado em uma posição central na sua teoria; para elas, a melhor maneira de repensar a cultura é entender como os seres humanos constroem os significados. Argumentam que, se o significado é fundamental para o entendimento de cultura, esta não pode ser apenas pública, já que o significado só pode ser originado individualmente. Assim, não faz sentido dar importância ao significado e,

simultaneamente, dizer que a cultura não está na mente de cada pessoa. As autoras defendem que significados são tanto estados psicológicos quanto construções sociais, o que torna a cultura, ao mesmo tempo, pública e internalizada.

Como afirma Rossetti (2006), entender cultura como conhecimentos compartilhados pressupõe o foco na estrutura cognitiva. Strauss e Quinn (1997) acrescentam que esses entendimentos compartilhados são, às vezes, realizados, armazenados e transmitidos pela língua. Essa definição não dá ao conceito de cultura fronteiras claramente demarcadas; pelo contrário, torna-o um conceito difuso.

A teoria desenvolvida por Strauss e Quinn pode ser relacionada à Teoria da Metáfora Conceitual, uma vez que Lakoff e Johnson (1980) propõem que o homem não utiliza as metáforas apenas para se comunicar, mas entende o mundo através delas. Em outras palavras, os entendimentos compartilhados que constituem a cultura podem ser – e provavelmente o são – frequentemente metafóricos, em especial se o foco do entendimento é um domínio mais abstrato (KÖVECSES, 2005). Por isso, a metáfora torna-se, nessa visão, uma parte inerente à constituição da cultura.

A partir desses conceitos relacionados à cultura, adotam-se, neste estudo, elementos tanto da teoria interpretativa da cultura de Geertz quanto da teoria de Strauss e Quinn. Da primeira perspectiva salienta-se a visão de cultura como um sistema de signos, porque esse pressuposto pode auxiliar na compreensão dos signos culturais relacionados às metáforas conceituais estudadas. Já da segunda utilizam-se as noções de entendimentos compartilhados – por serem frequentemente metafóricos – e das forças centrípeta e centrífuga que tornam a cultura, ao mesmo tempo, pública e internalizada.

Resta, por fim, delimitar o conceito de “cultura gaúcha”. Contudo, para a realização dessa tarefa, é preciso, inicialmente, responder ao seguinte questionamento: será que existe uma única *cultura gaúcha*? Diante da crescente discussão em torno da identidade do sujeito moderno, definir uma cultura como

homogênea pode ser arriscado. O homem moderno é fragmentado, ou seja, é constituído por símbolos e representações distintos. Hall (2003) questiona as identidades culturais, as quais define como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais” (p. 8), relacionando esses aspectos à globalização e refletindo sobre as possíveis consequências desse fenômeno. O autor argumenta que uma cultura nacional é um “discurso” que narra a história cultural de determinado povo. Ainda nesse sentido, Oliven (2007) lembra que a tendência de se apropriar dos costumes de determinado grupo social, transformá-los e torná-los símbolos da identidade nacional é recorrente no Brasil. Oliven argumenta que a globalização aumenta a importância dos fatores locais, pois é a partir deles que os seres humanos se situam no mundo.

Decidiu-se adotar, neste artigo, a visão da cultura gaúcha híbrida, mas que tem a predominância da figura típica idealizada do gaúcho. Ou seja, mesmo com a consciência da diversidade que constitui o Rio Grande do Sul, o termo *cultura gaúcha* irá se referir à representação mítica do gaúcho. Essa visão, apesar de apresentar rupturas (FREITAS; SILVEIRA, 2004), é endossada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e por dispositivos legais que atestam a sua importância e representatividade no meio social em que estão inseridas. Um exemplo importante para esta pesquisa é a Lei de número II.826, de 26 de agosto de 2002, que reconhece o cavalo crioulo e o quero-quero como animais símbolos do Rio Grande do Sul. A imagem do cavalo é quase inseparável da figura do gaúcho tradicional; dizem, inclusive, que seu melhor amigo é o cavalo (e não o cachorro, como diz o ditado).

3 MÉTODO

A partir desse referencial, serão consideradas duas hipóteses na análise dos dados desta pesquisa empírica: (a) existem diferenças significativas na compreensão das metáforas

analisadas por habitantes das duas regiões (interior vs. capital), visto que, segundo Kövecses (2005), o aspecto regional constitui uma das dimensões de variação metafórica; e (b) existem diferenças significativas na compreensão das metáforas analisadas por crianças e adultos, visto que, segundo Kövecses (2005), há diferenças quanto à compreensão de metáforas culturais ao longo dos estágios de desenvolvimento humano.

Este estudo constitui-se de uma pesquisa de campo e transversal, que pretende investigar as hipóteses acima arroladas. Para tanto, foram elaboradas quatro sentenças, a partir de expressões metafóricas encontradas em materiais impressos em veículos regionais. As autoras e três juízes, acadêmicos de Letras nascidos no Rio Grande do Sul, julgaram o sentido figurado das expressões utilizadas. Foi feita uma análise quantitativa dos resultados do instrumento através de análises de variância (ANOVA) do pacote estatístico SPSS.

3.1 Amostra

A amostra desta pesquisa é constituída por 60 crianças, com média de 10,81 anos ($dp = 0,74$ / faixa etária = de 10 a 12 anos), e 60 estudantes universitários, com média de 26,53 anos ($dp = 7,97$ / faixa etária = de 19 a 42 anos). O grupo das crianças é composto por 30 alunos de uma escola municipal de Palmares do Sul e por 30 alunos de uma escola particular de Porto Alegre. O grupo de adultos é formado por 30 estudantes dos cursos de Pedagogia e de Letras da UNIASELVE – faculdade particular em Capivari do Sul – e por 30 alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) do curso de Letras. A amostra não foi padronizada quanto ao gênero nem quanto a termos socioeconômicos. Não há, no referencial teórico desta pesquisa, registros de uma influência do fator socioeconômico nos resultados.

3.2 Delineamento

O presente estudo envolveu um delineamento 2x2, com o objetivo de verificar os efeitos da idade e do local de moradia na compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha. As duas variáveis são independentes e foram manipuladas entre grupos.

A primeira variável refere-se à idade dos participantes, divididos em duas faixas etárias: crianças – matriculadas na 5ª série do Ensino Fundamental (ou 6º ano) – e adultos – alunos universitários. Decidiu-se trabalhar com crianças dessa faixa etária porque elas já estão familiarizadas com o universo da escrita, o que possibilita a aplicação do teste em grupos para que cada participante responda ao seu próprio questionário. A segunda variável refere-se ao local de moradia dos participantes: interior (Palmares e Capivari do Sul) e capital (Porto Alegre). Os municípios de Palmares do Sul e Capivari do Sul são vizinhos, e muitos dos seus habitantes moram em um município e trabalham ou estudam no outro. Eles estão localizados no litoral norte do Rio Grande do Sul e são essencialmente rurais, tendo sua economia baseada no cultivo do arroz e na pecuária.

Nesses municípios, a presença da cultura típica do gaúcho é muito grande. Apesar de não estarem muito distantes da capital do estado (Palmares fica a 76km de Porto Alegre, e Capivari, a 64km), pode-se observar práticas diferentes das existentes em Porto Alegre, como o uso do cavalo como meio de transporte diário.

3.3 Instrumento de Compreensão de Metáforas

O instrumento elaborado para este estudo baseia-se em quatro metáforas conceituais relacionadas à cultura gaúcha. Para cada metáfora conceitual (em caixa alta), foi elaborada uma sentença que atualizava linguisticamente o seu mapeamento, como segue:

1. SER AGRESSIVO É AGIR COMO UM CAVALO AGRESSIVO (doravante, M1) - A Márcia deu um coice no João.
2. COMEMORAR É AGRADAR O CAVALO (M2) - Agora que o Eduardo sabe o resultado, ele vai lavar a égua!
3. SER SURPREENDIDO É CAIR DO CAVALO (M3) - O Luís caiu do cavalo com a notícia que Amanda deu pra ele.
4. CONTROLE DA SITUAÇÃO É CONTROLE DO CAVALO PELO CAVALEIRO (M4) - A Letícia tomou as rédeas da escola.

A intenção de utilizar expressões linguísticas que instanciam a metáfora conceitual é a de possibilitar uma investigação da compreensão dessas metáforas conceituais relacionadas à cultura gaúcha. Após cada sentença, foram propostas duas questões aos participantes. Na M4, por exemplo, havia a sentença “A Letícia tomou as rédeas da escola”, seguida das questões “(a) Como será que ela está se sentindo? (b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?”

3.4 Procedimento

A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada em grupos, na sala de aula dos alunos e no horário regular de aula. Os participantes eram orientados a ler as quatro sentenças e a responder às perguntas relacionadas a elas. Cada participante respondia às perguntas no seu próprio formulário, não sendo necessárias a gravação e a transcrição dos dados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a tabulação dos dados obtidos através do instrumento de compreensão de metáforas, eles foram analisados quantitativa e qualitativamente por idade e local de moradia. Neste artigo, serão discutidas apenas as análises quantitativas.

4.1 Critérios para codificação da análise quantitativa

Para a análise quantitativa, atribuiu-se 1 ponto para cada resposta esperada, e 0 para todas as outras respostas. Interpretações literais e falta de resposta recebiam a pontuação 0. Eram esperadas as seguintes respostas para cada questão:

M1: A Márcia deu um coice no João.

a) Como será que ela está se sentindo?

Irritada, braba, com raiva. Além disso, foram aceitas respostas como 'culpada', quando eram justificadas por uma briga com uma pessoa querida, ou ainda 'aliviada', quando seguidas de um indicativo de que o alívio estaria relacionado a uma raiva anterior.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Qualquer justificativa que remetesse a situações de agressividade/raiva.

M2: Agora que o Eduardo sabe o resultado, ele vai lavar a égua!

a) Como será que ele está se sentindo?

Bem, feliz, contente, alegre.

É importante ressaltar que, em outras regiões, a expressão "lavar a égua" pode ser entendida como "ganhar muito dinheiro" ou "desfrutar ao máximo uma situação vantajosa". Esses sentidos, embora não tenham aparecido nos dados da pesquisa, também remeteriam a uma avaliação positiva da situação. Seria interessante fazer um levantamento sobre essa questão em outros estados brasileiros.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Boa, seguida de uma justificativa que remetesse a um evento positivo.

M3: O Luís caiu do cavalo com a notícia que Amanda deu pra ele.

a) Como será que ele está se sentindo?

Surpreso, decepcionado, espantado.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Boa, se seguido de uma justificativa que remetesse a uma notícia positiva;

Ruim, se seguido de uma justificativa que remetesse a uma notícia negativa.

Deve ser salientado o fato de essa metáfora estar presente não só entre os gaúchos, mas também no restante do país. Entretanto, não foram encontrados trabalhos que verifiquem o comportamento dos falantes em relação a essa metáfora em outras regiões.

M4: A Letícia tomou as rédeas da escola.

a) Como será que ela está se sentindo?

No controle, no comando, com responsabilidade, realizada.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Qualquer justificativa que remetesse a situações de controle/responsabilidade.

4.2 Análise quantitativa

Os resultados obtidos a partir do teste de compreensão de metáforas foram verificados através de análises de variância (ANOVA). Foi considerado um nível de significância de 0,05 em todas as análises estatísticas.

TABELA I - Estatística descritiva geral

Variável	Descrição	Participantes (N)	Média	Desvio Padrão
Idade	Crianças	60	0,86	0,87
	Adultos	60	1,57	0,71
Local	Interior	60	1,23	0,86
	Capital	60	1,19	0,87

a) Idade

A análise da variável "idade" na compreensão de

metáforas, sem considerar o “local de moradia” dos participantes, mostra um efeito significativo de idade na compreensão das metáforas estudadas. Observou-se que os adultos compreendem essas metáforas significativamente mais do que as crianças ($p < 0.001$). As crianças tiveram uma média de acertos baixa ($M = 0,86$), considerando um escore máximo de dois pontos. Já os adultos tiveram uma média maior ($M = 1,57$), mostrando que compreendem as metáforas estudadas.

Esse resultado corrobora a hipótese de que existiria uma diferença significativa na compreensão das metáforas estudadas por crianças e adultos, dada a existência da dimensão desenvolvimental de variação metafórica. Segundo Kövecses (2005), essa dimensão representa as diferenças encontradas quanto à compreensão de metáforas culturais ao longo dos estágios de desenvolvimento humano.

É interessante relacionar esse resultado com os dados encontrados em Siqueira (2004). No seu estudo sobre a compreensão de metáforas primárias, a autora verifica que não há uma diferença significativa na compreensão das metáforas estudadas por ela entre as faixas etárias de 9 a 10 anos e adultos. Contudo, esse estudo com metáforas relacionadas à cultura mostra que o comportamento das crianças com um média de idade semelhante ($M = 10,81$) é diferente quando as metáforas conceituais estudadas não são primárias. Os dados aqui analisados indicam, então, que a aquisição de metáforas culturalmente estabelecidas é posterior à aquisição de metáforas primárias. No entanto, cabe salientar que os dados deste trabalho servem apenas para levantar essa hipótese, pois não são suficientes para corroborá-la, uma vez que mais faixas etárias deveriam ser incluídas no presente estudo para dar conta disso.

Outra hipótese sobre esse resultado seria a de que as metáforas relacionadas à figura do cavalo estão caindo em desuso, e, por isso, as crianças não as compreendem tão bem quanto os adultos. Porém, os dados apresentados tanto por Deignan (2003) quanto por MacArthur (2005) – ambas as autoras analisam ocorrências metafóricas envolvendo o termo

cavalo (em inglês e espanhol, respectivamente) – trazem evidências contrárias a essa hipótese, pois apontam para um lapso de tempo entre o momento em que as entidades deixam de ser salientes na vida cotidiana e a extinção do seu uso metafórico.

b) Local

Uma primeira análise estatística da variável “local de moradia” na compreensão das metáforas estudadas, sem considerar a idade dos participantes, não mostrou um efeito significativo de local ($p > 0.05$). Contudo, uma análise mais detalhada da interação de cada uma das metáforas conceituais com o local mostrou um resultado atípico na avaliação da M3. Os dados relativos a essa metáfora parecem ter sido influenciados pela atualização linguística utilizada no teste de compreensão de metáforas, que permitia uma interpretação literal – principalmente pelas crianças do interior, que caem do cavalo com frequência, mesmo essa metáfora sendo também conhecida em outras regiões, o que sugere que seu sentido seja conhecido independentemente do local de moradia. Em função da interferência desses dados na análise estatística da variável “local de moradia”, optou-se por fazer uma nova análise dessa variável, desconsiderando os escores obtidos na M3.

Nessa segunda análise, foi verificado um efeito significativo do “local de moradia” na compreensão das metáforas estudadas ($p < 0.01$). Os moradores do interior ficaram com uma média maior ($M = 1,35$) do que os moradores da capital ($M = 1,07$).

Dessa maneira, foi corroborada a hipótese inicial de que existiria uma diferença significativa na compreensão das metáforas estudadas por habitantes das duas regiões (interior e capital). Uma justificativa para esse resultado é encontrada em Kövecses (2005), que postula que o aspecto regional constitui uma das dimensões de variação metafórica. Além disso, a proximidade dos moradores do interior com a cultura típica do gaúcho pode influenciar o uso e a compreensão das

atualizações linguísticas das metáforas conceituais aqui estudadas. As análises da interação entre idade e local não apontaram efeitos significativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou responder a duas questões principais. A primeira se refere à influência do “local de moradia” na compreensão das metáforas estudadas. As análises mostraram que há uma diferença significativa entre as médias dos participantes do interior e da capital na compreensão das metáforas estudadas, sendo que os moradores do interior alcançaram o maior número de acertos. A M3 apresentou um comportamento atípico nas análises considerando a variável “local”, pois a sua atualização linguística foi interpretada literalmente pelas crianças do interior, visto que elas andam regularmente a cavalo e, conseqüentemente, caem do animal com certa frequência. Por isso, optou-se por desconsiderar os escores obtidos nessa metáfora nas análises envolvendo a variável “local”. Os dados aqui apresentados estão em consonância com a dimensão regional de variação metafórica apresentada por Kövecses.

A segunda questão está relacionada à variável “idade”. Participantes de duas faixas etárias (crianças e adultos) responderam ao teste de compreensão de metáforas e verificou-se um efeito significativo de “idade” na compreensão das metáforas estudadas, ou seja, os adultos compreenderam as metáforas relacionadas à cultura gaúcha significativamente mais do que as crianças. Esse resultado, quando comparado com pesquisas sobre aquisição de metáforas primárias, sugere que a aquisição das metáforas relacionadas à cultura é posterior à aquisição das metáforas primárias. Os resultados encontrados nesta pesquisa se alinham à proposta de Kövecses (2005) sobre variação em metáfora. Como aponta o autor, as metáforas relacionadas à cultura tendem a apresentar variação entre os diferentes grupos sociais e em diversas dimensões. A interface entre “metáfora” e “cultura” proposta por este artigo

mostrou-se desafiadora e importante para uma melhor compreensão desses conceitos.

Como define Yu (2003), metáfora, corpo e cultura parecem formar um “triângulo-circular”. As metáforas conceituais são geralmente derivadas das experiências corpóreas, ao mesmo tempo em que os modelos culturais filtram essas experiências para domínios específicos das metáforas conceituais, e, simultaneamente, os próprios modelos culturais são, com frequência, estruturados metaforicamente. Esta pesquisa fornece evidências - através da análise da compreensão de metáforas culturais por diferentes grupos sociais - da influência dos aspectos culturalmente estabelecidos na compreensão de metáforas complexas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. [Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna]. São Paulo: Cultrix, 1990.

DEIGNAN, A. Metaphorical expression and culture: an indirect link. *Metaphor and Symbol*, v. 18, n. 4, p. 225-271, 2003.

FREITAS, L. F. R.; SILVEIRA, R. M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. *Educação*, n. 2, v. 53, p. 263-251, maio/ago. 2004.

GEERTZ, C. (1972). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBBS, R. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.

_____. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: _____; STEEN, G. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.

GRICE, P. Logic and conversation. In: _____. *Studies in the way of*

words. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. [Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro]. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MACARTHUR, F. The competent horseman in a horseless world: observations on a conventional metaphor in Spanish and English. *Metaphor and Symbol*, n. 20, v. 1, p. 71-94, 2005.

OLIVEN, R. G. Cultura & Identidade. In: MARCHIORI, G. (Org.), *Teorias políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007.

ROSSETTI, M. *Metáforas e metonímias de felicidade: um estudo de língua e cultura*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e cultura regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

SIQUEIRA, M. *As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

STRAUSS, C.; QUINN, N. *A cognitive theory of cultural meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

YU, N. Metaphor, body, and culture: the Chinese understanding of gallbladder and courage. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 1, p. 13-31, 2003.

Recebido em: 11/02/2010.

Aprovado em: 15/06/2010.